

Problematizando as práticas docentes na pesquisa colaborativa em educação musical

Cláudia Ribeiro Bellochio

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Brasil
claubell@zaz.com.br

Resumo

O presente trabalho discorre sobre como problematizações acerca da prática docente, desenvolvidas por professores já atuantes (regentes na escola) e em formação inicial (acadêmicos da universidade), podem contribuir com a educação musical e com reflexões para a formação inicial e permanente de professores. No âmbito da formação inicial, são apresentados relatos do trabalho compartilhado entre acadêmicos do curso de Licenciatura em Música e alunos do curso de Pedagogia da UFSM/Brasil e na formação permanente a relação desses com os professores já atuantes. Metodologicamente, a pesquisa focalizou-se nos pressupostos da investigação-ação educacional e teve como questões norteadoras as indagações: É possível realizar um trabalho colaborativo em educação musical, problematizando práticas docentes em desenvolvimento, entre professores já atuantes na escola e acadêmicos da universidade? Que contribuições decorrem para os processos de formação e práticas educativas de professores dos anos iniciais de escolarização? A pesquisa representa uma possibilidade de integração universidade e escola.

Abstract

This work is about trouble about practice done by school teachers (school principals) and in initial education (university academics) can help musical education and with reflexions for making good teacher: None area of initial education, they are presented as works got from teachers form the course of Licenciature in Music and students from the pedagogy course in UFSM, in Brasil and the education that belongs to the relationship between college teachers and school teachers. From the method, the research focused on the budgets of investigation on education and had some questions such as: Is it possible to make a collaborative work in new teaching practices, between school teachers and college teachers? Which is the contribution the processes on development of educational practices of teachers who have years if starting their scholarization? The research suggests us the possibility of joining school and college teachers.

O contexto e o delineamento metodológico da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de Santa Maria/RS¹, e contou com a participação de quatro professoras já atuantes, quatro acadêmicas do curso de Licenciatura em Música²; quatro acadêmicas do curso de Pedagogia³ e eu. O trabalho realizou-se ao longo dos anos de 2001 e 2002 em turmas de 1^a a 4^a série do ensino fundamental. O foco central do trabalho centrou-se na organização e implementação colaborativa de práticas educativas de educação musical desenvolvidas por professores não especialistas em música (professores já atuantes) e acadêmicos dos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Música (professores em formação inicial).

Constituímos um grupo que trabalhou do planejamento à implementação reflexiva e replanejamento das aulas. A preocupação foi de não estabelecer dicotomias entre a pesquisa como coleta de informações e a pesquisa que possibilitasse o

¹ Pesquisa semelhante foi realizada em minha tese de doutorado. No entanto, esse segundo trabalho traz a inserção do professor em formação no curso de Licenciatura em Música desenvolvendo trabalhos compartilhados com professores não especialistas em música.

² Gadiela Esther Ribeiro, Helena Marques Pimenta; Nídia Engel e Míriam de Oliveira.

³ Patrícia Lucion Roso; Ana Paula dos Santos, Caroline Spanavello; Ana Michele Maciel.

envolvimento e desenvolvimento profissional dos participantes, tomados como investigadores ativo-críticos (Carr; Kemmis, 1988), sobretudo por que, em se tratando de educação musical, de modo particular, precisávamos criar um espaço para ação e reflexão bastante fértil. Salientamos que, até o início da pesquisa nessa escola, não existia nenhuma proposta organizada de educação musical o que, segundo os professores já atuantes seria extremamente importante de ser desenvolvido. Um professora comentou: “Nós precisamos aprender a trabalhar alguma coisa com música. Nossos alunos são movidos a música na hora do recreio e na sala de aula, não sabemos fazer nada” (professora Fernanda).

Utilizamos os aportes metodológicos da investigação-ação educacional e empregamos a espiral auto-reflexiva (ver Carr; Kemmis, 1988), tanto para a dinamização dos trabalhos no grupo como na organização da aula de música. A espiral é composta pelos momentos de planejamento, ação, observação e reflexão, implicando duas dimensões: “a primeira faz menção ao caráter reconstrutivo-constutivo e a segunda ao discurso ou prática do processo”. (Carr; Kemmis, 1988, p. 23)

Não tencionamos sanar os problemas da Educação Musical na escola, através de soluções simplificadas, já que esses não passariam de ativismos conjuntos, guiados por soluções abreviadas e descomprometidas, características da racionalidade positivista. No dizer de Freire (1987, p. 48), devemos “estar atentos para o fato de que a transformação não é só uma questão de método e de técnicas (...) A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade”.

Foi justamente a instauração do processo colaborativo, problematizador das práticas educativas em desenvolvimento na implementação das aulas de música que desestabilizou, muitas vezes, o trabalho na escola. Nesse sentido, entendemos que (1) “é necessário que os professores deixem de se enxergar como meros executores de tarefas – assumindo a ideologia tecnicista – e tomem para si a tarefa de redimensionar suas práticas a partir de um ‘olhar de dentro’, o que tem relação com a auto-reflexão”; (2) é preciso que professores, investigadores educacionais e estudantes, além

de outras pessoas envolvidas com a educação, reconheçam-se mutuamente como sujeitos e agentes das mudanças desejadas, negociando os significados que querem dar a sua vida a às suas práticas”. (Grabauska, 2001, p. 18)

A proposição prática da aula de música na escola envolveu a utilização de atividades vocais em trabalhos que privilegiaram a relação direta dos alunos com a música. Nessa ênfase,

(...) a aula de música [deve] promover um desenvolvimento musical amplo que abrange três atividades – composição, execução e apreciação musical. É importante destacar que a realização destas atividades deve ser vista como um conjunto orgânico em que os alunos compõem suas próprias músicas, tocam estas músicas e as de outros autores e analisam tanto a sua própria produção em sala de aula como a de outros músicos”. (Beineke; Bellochio, 2002, p. 35)

Com base no exposto, respeitando os limites de atuação do grupo de pesquisa instituído, fomos, gradativamente, estudando e implementando atividades musicais nas salas de aula, de tal forma que retro-alimentávamos referências teóricas e práticas. Nesse encaminhamento, construímos uma pesquisa “para a educação musical” e não somente “sobre a educação musical”.

Problematizando as práticas docentes: uma vivência de pesquisa

A problematização das práticas docentes conduziu os trabalhos, tanto na relação entre o grupo (acadêmicos, professores já atuantes e eu), como no diálogo sobre a prática educativa de educação musical. As questões problematizadoras foram geradas a partir das práticas em desenvolvimento e sustentaram processos auto-reflexivos e de reflexões coletivas sobre determinados pontos. Foram mediadas por relações dialógicas (com base nas falas e material escrito- diários de campo) que buscaram entender como o contorno de determinada compreensão da prática educativa se estabelecia.

Com esse movimento, possibilidades de trabalho foram alavancadas de modo mais crítico e real. Passamos a compreender que não existe um modelo único, uma forma absolutizada de rea-

lizar a educação musical na escola. Como expressa a pesquisadora, precisamos “tomar o campo do saber pedagógico-musical como absolutamente aberto, sem fronteiras, mas com horizontes, permitindo trânsitos inusitados e inesperados, articulações entre os diversos espaços escolares e não escolares, talvez seja o desafio que temos que enfrentar”. (Souza, 2001, p. 91)

Embora algumas questões problematizadoras transcendessem à questão da educação musical, por tratar-se de um trabalho de investigação-ação colaborativa, precisávamos dialogar sobre pontos diversos que emergiam das práticas educativas em desenvolvimento. Passo a apresentar focos⁴ / questões de relevância na dinâmica do processo da pesquisa.

Foco: o trabalho colaborativo de investigação-ação

• *Como está sendo o trabalho colaborativo entre professoras regentes da escola e acadêmicos da universidade?*

Esse foco, percorreu toda a realização da pesquisa. A todo momento, conflitos afloravam e, principalmente, as professoras já atuantes desconfiavam da necessidade de sua participação ativa nos trabalhos.

Acho que é muito legal a gente trabalhar em colaboração. Mas não é fácil. Temos que ver coisas que não concordamos e não podemos falar. Às vezes não sei o que faço. (Professora Ana).

Transparecia a idéia de que falar alguma coisa para os acadêmicos seria interferência prejudicial frente a Universidade. Percebia que essa atitude decorria de conviências que não contribuíam para o crescimento do trabalho colaborativo. No caso particular dessa pesquisa, centrada em desenvolver aulas de música compartilhadamente, tudo o que ocorria no espaço da escola e entre o grupo, era importante para ser debatido, ainda que isso implicasse contradições e divergências. Afinal, a aula de música não estava descolada dos processos gerais que sustentavam as práticas educativas.

⁴ Nesse texto, apresentamos somente o registro de duas questões, o que não representa a totalidade dos trabalhos.

As professoras nos ajudam. Mas não temos muita prática de sala de aula. Acho que elas podiam nos ajudar mais. Às vezes, ficam olhando as crianças fazendo ‘barbaridades’ e não nos ajudam. Parece que ficam com medo!?’ (Aluna Paulina)

Galvão (1996), em suas pesquisas, corrobora as colocações expressas. Para ela, “o medo, as expectativas, o não saber como agir, são comuns à maioria das pessoas quando se vêem, pela primeira vez, em frente de uma turma de alunos (...) é a primeira fase de estágio.” (ibid., p. 77). Os acadêmicos necessitavam do apoio e participação dos professores experientes na construção dos trabalhos na escola.

Outro ponto que se tornou complexo foi o desafio da realização de planejamentos colaborativos⁵. Existia uma preocupação velada com o ‘cumprir conteúdos’. A desculpa para ‘não perder tempo’ com outras ‘coisas’, no caso com educação musical, é que os demais conteúdos seriam prejudicados. Marcadamente, ao longo dos trabalhos, avanços e recuos aconteceram com relação as possibilidades de realização da educação musical no contexto da escola.

Uma segunda problematização decorreu da discussão sobre o valor da educação musical no desenvolvimento dos alunos da escola.

Foco: a aula de música

• O que estamos esperando com a aula de música na escola? Como estamos percebendo o desenvolvimento de nossos alunos?

No começo eu achei que ia ser bem diferente. Achei que as crianças iam ter aulas de canto. Aprender a cantar aquelas musiquinhas que a gente conhece mas não sabe cantar. Então as gurias poderiam ensinar. Agora, confesso que sinto-me meio perdida. Vejo que não é bem assim (...) Vejo muita bagunça! (Professora Raquel).

Olha! Eu nunca havia entrado numa sala de aula. Isso já é um desafio. Trabalhar com música... Ainda bem que eu tenho a Paulina comigo. Me dá mais segurança. Sinto que a cada dia as crianças se

⁵Essa mesma constatação já havia sido detectada em outra escola, por ocasião da realização da pesquisa de tese, BELLOCHIO (2000).

envolvem mais com o trabalho e quando nos encontramos logo perguntam: - Prof., hoje tem aula de Música? (Aluna Carla).

Está sendo muito bom poder organizar planejamentos conjuntos. Conversar com a professora sobre o que os alunos estão aprendendo nos outros dias...é uma experiência muito válida. Aquilo que a gente aprende na universidade agora pode estar vindo na prática. Eu tenho dificuldades de organizar como fica melhor dar a aula de música, mas aos poucos vou me conhecendo melhor como professora e também conhecendo melhor meus alunos. (Aluna Olívia)

A professora Raquel possuía uma representação sobre o que seria a aula de música. Acreditava que cantar, reproduzindo canções do repertório infantil, fosse o eixo do trabalho de educação musical na escola. A aluna da Pedagogia, posicionou-se discutindo o enfrentamento do trabalho na sala de aula. Para ela, existia a dificuldade de trabalhar com conteúdos da educação musical e realizar a tarefa no espaço prático do professor, a sala de aula. Já Olívia, demonstrava a possibilidade de estar na sala de aula, como algo positivo no contexto da formação profissional na Licenciatura em Música. Referendando os posicionamentos, em uma reunião de grupo, ficaram explicitados posicionamentos distintos.

Nós queremos que nossos alunos tenham experiências musicais de diversas formas: cantando, tocando, compondo, executando...vivendo muito a música, experimentando muitas formas de realizarem-se musicalmente. Queremos que nossas alunos sejam felizes nas aulas música e é para isso que estamos estudando e dedicando tempo a esse projeto colaborativo (Alunas da Pedagogia e Licenciatura em Música⁶)

Nós queremos que nossos alunos saibam cantar melhor. Que possam não fazer feio nas apresentações musicais que realizam. Que saibam se portar e gostar de música, não só dessas coisas que eles ouvem no rádio. (Professoras já atuantes)

Essa forma diferente de ver e ouvir a educação musical na escola, precisa ser debatida e redimensionada. Afinal, é nesse espaço

⁶ As respostas são conjuntas, devido ao fato de essa problematização ter sido respondida pelo grupo de alunas e pelo grupo de professoras, de modo coletivo.

já constituído que muitos professores em formação irão se engajar. Se não trabalharmos, no sentido de problematizar as concepções e o que efetivamente ocorre no cotidiano das relações já estabelecidas, parece-me que ficaremos com gritos sem ecos, de um lado a academia e de outro a escola.

Algumas considerações finais:

Retomando pontos das questões levantadas, entendo que a problematização das práticas educativas levadas a cabo, entre professores já atuantes e professores em formação inicial, constitui-se como importante na reconstituição do espaço da educação musical na escola. É preciso ouvir os saberes daqueles que já estão realizando o seu trabalho, “saberes da experiência” (Gauthier, 1998) que transcendem o conteúdo de uma determinada área, dialogando sobre as possibilidades de transformação na relação da escola com a educação musical.

Não é simples realizar trabalhos em colaboração. Requer ‘humildade e tolerância’, o que nos dias de hoje, parece que não tem caracterizado as relações profissionais. No entanto, como modificar alguma coisa se a proposição não passar pelo esclarecimento e engajamento ativo-crítico de uma comunidade?

Com a realização desse trabalho percebi que, além da relação entre professores já atuantes e professores em formação inicial, devemos empreender esforços realizando trabalhos compartilhados por professores dos anos iniciais de escolarização (não especialistas em música) e professores especialistas.

Sobre as contribuições dessa pesquisa para a formação de professores creio que representa uma possibilidade concreta de implementar trabalhos na escola de modo crítico, envolvendo expressivamente saberes acadêmicos e escolares. Para as práticas educativas de professores dos anos iniciais de escolarização, penso que trabalhos como esse são relevantes, pois permanecer arraigado a conteúdos fechados e práticas não colaborativas conduz ao estreitamento do que pode ser concebido e construído na aula de música na escola.

Nessa linha, a problematização das práticas educativas de modo ativo e crítico, sinaliza possibilidades para a realização de pesquisa e desenvolvimento da educação musical, contribuindo também para o processo de formação de professores, inicial e permanente, e para a ampliação das relações entre universidade e escola.

Bibliografía

- Beineke, V. y Bellochio, C. R. (no prelo) Introdução do encarte para uso do professor. En Viviane Beineke, (org.), *Flauteando pelos cantos do Brasil*.
- Bellochio, C. R. (2000). *A Educação Musical Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental: Olhando E Construindo Junto Às Práticas Cotidianas Do Professor*. Porto Alegre: UFRGS. Tese Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação.
- Carr, W. y Kemmis, S. (1988). *Teoria Crítica de la Ensenanza: La Investigación en la Formación del Profesorado*. Barcelona: Martinez Roca.
- Gauthier, C. (1988). *Por uma Teoria da Pedagogia: Pesquisas Contemporâneas sobre o Saber Docente*. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ.
- Grabauska, C. J. y De Bastos, F. P. (2001). Investigação-ação educacional: possibilidade crítica e emancipatória na prática educativa. In: R. A. Mion, C. H. Saito (Ed.). *Investigação-Ação: Mudando o Trabalho de Formar Professores*. Ponta Grossa, Gráfica Planeta, p. 9-20.
- Freire, P. (1987). *Ação Cultural para a Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Galvão, C. (1996) Estágio pedagógico – cooperação na formação. *Revista de Educação*, Lisboa, v. 7, n. 1, p. 71-87.
- Souza, J. (2001). Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da educação musical. *Anais Encontro Anual da Abem*, 10., Uberlândia. Porto Alegre: Associação Nacional de Educação Musical, p. 85-92.